

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

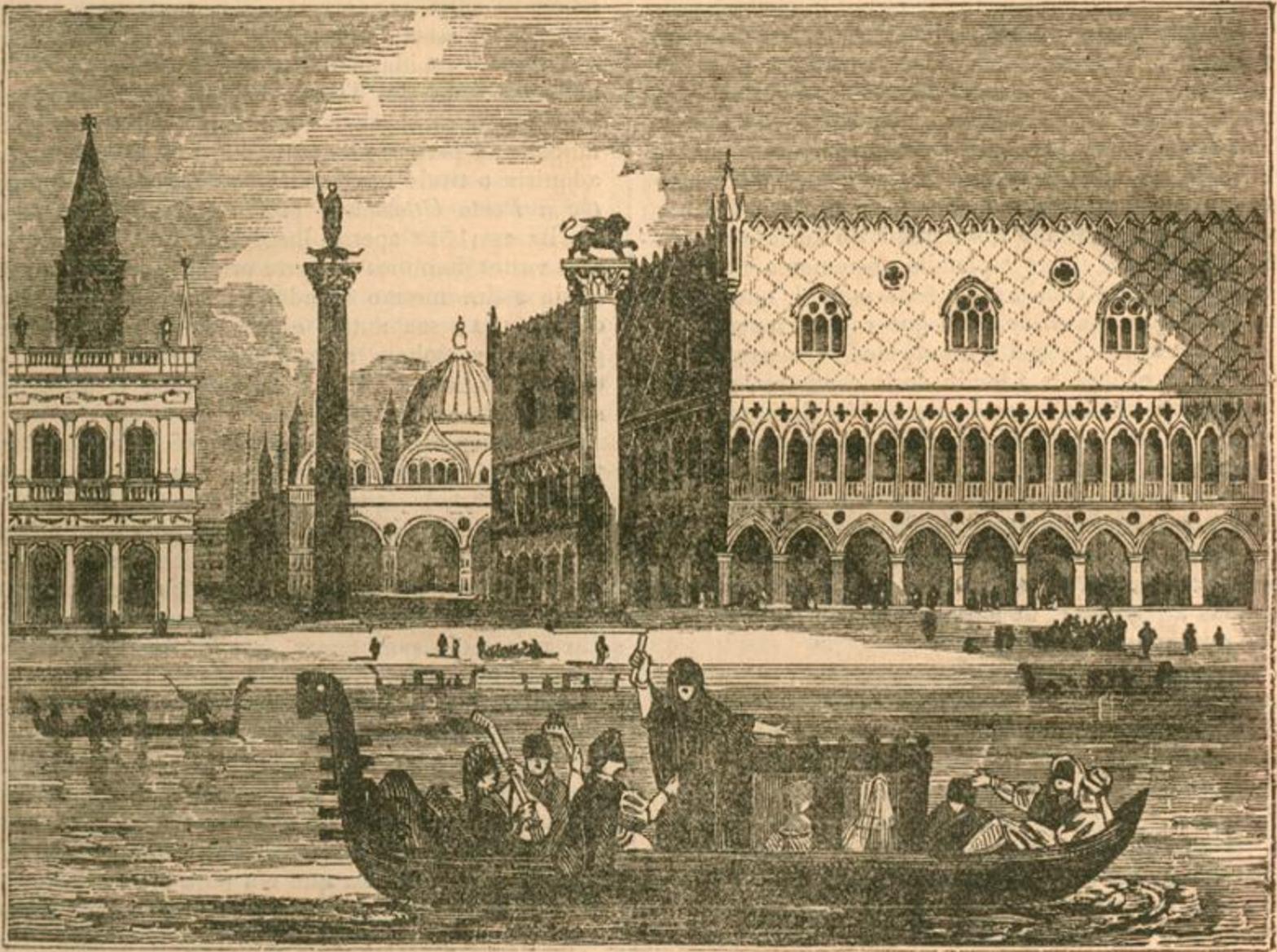
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

7.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

JUNHO 17, 1837.



PIAZETTA.

## ENEZA.

ORIGEM, INCREMENTO, E DECADENCIA—PLANO GERAL DA CIDADE—GONDOLAS—PALACIO DUCAL.

A soberba Eneza está no meio  
Das agoas, que tão baixa começou:  
Da terra um braço vem ao mar, que cheio  
D'esforço, nações varias sujeitou,  
Braço forte de gente sublimada,  
Não menos nos engenhos que na espada.

CAMÕES.

QUANDO os Barbaros no quinto seculo invadiram a Italia, os habitantes de Aquilea, e de Padua se refugiaram para as ilhotas situadas no meio de uma especie de lagoas, que são o termo do mar Adriatico. Aqui lançaram os primeiros fundamentos á cidade de Eneza, e elegeram d'entre si magistrados a que chamaram tribunos. Ao principio cada ilhota tinha os seus, e constituia uma republica particular: mas com o andar dos tempos reunindo-se todas para formarem um só estado, escolheram em assemblea geral do povo um duque, ou *doge*, que presidisse aos tribunos, e o investiram do poder executivo com largas prerogativas. Debaixo desta fórma de governo os Venezianos experimentaram muitos alborotos domesticos: res-

peitava-se a authoridade do doge em quanto era popular e feliz; mas os caprichos da multidão voluvel o expunham sempre a uma violenta morte. É factó notavel que dos primeiros cincoenta doges de Eneza, cinco abdicaram, cinco foram banidos, depois de lhes tirarem os olhos, cinco foram assassinados, e nove depositos. Nem os sultões da Turquia experimentaram peor fortuna.

Em 1172 se estabeleceu um Conselho Supremo, que pouco a pouco foi assumindo toda a direcção dos negocios, e em pouco mais de um seculo se converteu em hereditario, e Eneza ficou sujeita a uma absoluta aristocracia. A conspiração de 1310 para restaurar a fórma antiga de governo deu logar á nomeação de um tribunal temporario, donde sahiu a instituição permanente do Conselho dos Dez, oligarchia severa e despotica: depois se lhe acrescentou a terrivel *Inquisição d'Estado*, de que já em o nosso N.º 4 demos noticia.

Nas primeiras epochas de sua historia, os Venezianos tiveram que lutar com innumeraveis difficuldades. Seu commercio nascente era gravemente opprimido pelos piratas, que infestavam todas as costas do Adriatico; e até no abrigo de suas lagoas, aquelles frugaes commerciantes não estavam livres das injustas aggressões de semelhantes vagabundos: porém a sua força cresceu no meio dos perigos que os cercavam, e já nos seculos nono e decimo empregavam na defeza da re-

publica navios de grande porte, e repelliam os invasores. Faziam extenso e lucrativo commercio com os estados da Italia, da Allemanha, da Grecia, e do Egypto. O seu poder augmentou em proporção com o seu commercio, e Veneza, como em nossos tempos a Companhia Inglesa das Indias, se fez conquistadora. A sua politica era ambiciosa, mas regulada pela prudencia; as suas feitorias se foram convertendo em fortalezas; e, ou por conquistas ou por tractados, conseguiu assenhorear-se de muitas cidades e portos da Dalmacia, da Albania, e da Morea. Pelos fins do seculo duodecimo, Veneza ligada com o papa, Alexandre 3.º, e o imperador grego, entrou na defeza das republicas da Lombardia contra o imperador Frederico Barbaroxa; e os serviços, que nesta occasião prestou ao pontifice, o moveram a conferir-lhe em testemunho de gratidão a soberania do Adriatico. Deu isto logar á singular e esplendida cerimonia dos desposorios do doge com o mar, festa annual, que se fazia em dia da Ascensão, em que o doge lançava ao mar o seu anel, como symbolo dos esponsaes. Nesta occasião o doge ia a bordo do Bucentauro, celebre e sumptuosa obra construida por ordem do Senado no começo do seculo quatorze: tinha tres pontes, cada uma de 100 pés de comprido por 22 de largo; para o marear eram precisos 168 remeiros, que iam na coberta inferior, afóra o auxilio de muitas barcas, que lhe davam reboque. A segunda coberta era soberbamente guarnecida de veludos carmesins e de ouro, de estatuas allegoricas, de baixos relevos e de tropheos, tudo dourado.

Não obstante a renhida desavença que Veneza teve de sustentar contra a sua rival, a republica de Genova, contenda que ameaçou aniquillar-lhe o commercio, e até a existencia politica, sempre continuou em rapido progresso até chegar, no decimo quinto seculo, ao auge da sua grandeza e prosperidade. A magnificencia e esplendor, que ostentou nessa epocha, não tinha igual. « Tanto as rendas da republica (diz Robertson), como as riquezas dos particulares, excediam quantas até alli se tinham conhecido. Na sumptuosidade dos palacios, no custoso dos adereces, na profusão da baixella, e finalmente em tudo o que contribuia para a elegancia, ou para a ostentação do seu modo de viver, os nobres de Veneza desbancavam o fausto dos maiores principes d'além dos Alpes. Não era isto o apparatus de irreflectida dissipação, mas consequencia natural de uma industria successiva, que, accumulando os cabedaes com promptidão, dava jus a desfructa-los com todo o esplendor. » O mesmo historiador refere que pelos annos de 1420 a força naval da republica consistia em 3:000 vasos mercantes de varias lotações, tripulados por 17.000 marinheiros; de 300 navios de alto bordo, com 8.000 marinheiros; e de 45 enormes galeões, com 11.000, empregando-se nos arsenaes 16.000 operarios.

Em 1508, o papa, o imperador, o rei de França, e o rei de Hespanha, entraram na celebre confederação, conhecida pelo nome de Liga de Cambray, destinada a destruir, ou abater o poderio de Veneza. Desta lucta sahiu salva a republica, ainda que com algumas perdas; e logo se viu a braços com o poder nascente dos Turcos; ganhou porém decididas vantagens contra a marinha ottomana. Mas vinha já proxima a hora da sua declinação; Colombo, e Vasco da Gama humilharam uma potencia, que nem os papas, nem os reis, e sultões poderam abalar, nem derubar; — com seus descobrimentos lhe fizeram pedaços a corôa de gloria, e toda a sua pompa; como na era subsequente a diffusão do saber humilhou a influencia e o orgulho de Roma.

Quando os principaes de Veneza ouviram dizer

pela primeira vez que se descobrira passagem para a India pelo Cabo de Boa-Esperança, a sua sagacidade logo previu as consequencias, e antecipadamente sentiram desfalecer a sua força; viram-se excluidos do grosso trafico com a *Região do Sol*, e conheceram que a corrente do ouro se desviava para ir enriquecer outros paizes. Antes de findo o decimo sexto seculo, a republica decahiu da elevada posição, que occupava entre as potencias da Europa, para a ordem dos estados secundarios; e quando seus recursos iam diminuindo rapidamente, se viu precisada a resistir á poderosa furia dos Turcos. Ainda por muito tempo luctou com vantagem; e tanto, que afastou da christandade os perigos de que os infieis a ameaçavam, e adquiriu o título honroso de *baluarte da Europa contra a Porta Ottomana*: porém o tractado de Passarowitz em 1718 apenas lhe deixou um fragmento de seus vastos dominios na parte oriental da Europa. Todavia assim mesmo decadente, Veneza manteve até certo ponto o seu antigo esplendor; e porque os seus governantes tinham a prudencia de occultar sua fraqueza debaixo da capa da moderação, continuava a ser tractada com respeito.

Seria maravilha se um estado enfraquecido e esgotado, como estava Veneza, passasse a salvo por entre a tempestade, que se seguiu á revolução franceza. Tendo mantido por algum tempo uma neutralidade forçada, e consentido que os Austriacos e os Francezes pizassem repetidas vezes o seu territorio no continente da Italia no decurso das suas campanhas, por fim apresentou symptomas, que excitaram o desagrado de Buonaparte. A 15 de Maio de 1797, uma força de 5.000 a 6.000 Francezes atravessou a *Laguna* em barcos, e tomou posse da cidade sem a mais leve sombra de resistencia da parte dos Venezianos; e no mesmo dia os governantes de Veneza se demittiram, pronunciaram a dissolução de seu antigo governo, e a installação de uma municipalidade democratica, e *seriamente declararam* que era para elevar ao ultimo grau de perfeição o systema republicano, que foi por tanto tempo gloria e ventura da nação. O mesmo general francez, Baraguay d'Hilliers, se admirou da facilidade da conquista. « A metropole rodeada de mar (diz Mr. Simond) poderia facilmente defender-se; e só os operarios do arsenal, corpo de homens valente e decidido, seria mais que sufficiente para armar uma esquadra de pequenas embarcações, superior a quantas os invasores poderiam juntar; e o restante da população, ainda que talvez indifferente, se estimularia á resistencia se lhe dessem o exemplo. » Foi a pusillanimidade dos nobres que deu confiança ao partido contrario. Entregaram-se nas mãos do inimigo, que ao principio provocaram com imprudentes mostras de odio, e que creou mais ousadia á vista de sua submissão e cobardia, quando ameaçados.

Assim acabou a tão nomeada republica de Veneza. Foi seu ultimo doge — Manini, que fechou a comprida lista de cento e vinte, e que fôra eleito no mesmo anno em que rebentou a revolução franceza. A infeliz cidade, depois de espoliada de seus quadros pelos conquistadores, foi poucos mezes depois cedida á Austria pelo tractado de Campo Formio. Em 1805 a annexaram ao reino francez d'Italia; mas em 1814 passou de novo para o dominio da Austria.

Desde este periodo até 1830 dizem que a politica do governo era dar maior impulso a Trieste do que a esta cidade, e a circumstancia de ser porto franco Trieste, lhe dava decidida vantagem sobre a sua vizinha. Mas em 1830 tambem se arvorou em Veneza porto franco, e de então para cá tem completamente participado dos mesmos privilegios conferidos á outra. Não obstante isso, Trieste tem sempre conservado a

superioridade, e ainda que o commercio se tem restabelecido em Veneza, não é não tão amplo como poderia ser, se tivesse começado anteriormente. Hoje, afóra o ser o centro do commercio das provincias adjacentes da Lombardia, tem muito pouca importancia em relação a seu antigo estado.

A rapida decadencia de Veneza desde a extincção do seu governo independente tem dado motivo a mui sinistros presagios a respeito de seu futuro destino. «Alguns dos canaes, que atravessam a *Laguna* (diz Simond) estão entulhados por falta de limpeza; sendo por onde o Brenta, o Piave, e outros ribeiros encanados acarretam para o mar o lodo, de que sempre deixam sedimento. Veneza ha de vir a ser um montão de ruinas no meio de um pantano pestilencial; e é já muito sujeita a febres.» No verão a mortandade calcula-se em doze pessoas por dia n'uma população de pouco mais de cem mil almas. — «Com tudo ainda o nome de Veneza, como sombra esplendida, ha de continuar a attrahir os estrangeiros, quando toda a sua gente estiver reduzida a meia duzia de pescadores, e já nem um só de seus palacios estiver de pé.» Esta prophesia (de Mr. Rose) ainda mais melancolica, e as de outros viajantes, por certo lastimosamente se verificarão, se não removerem a causa do mal.

A cidade, como já dissemos, está edificada sobre ilhotas, ou bancos d'areia no grande braço de mar, chamado *Laguna*; e são nada menos de cento e trinta e oito, com tão pouca elevação sobre o nivel d'agoa, que os edificios parece que sahem do meio do mar: estes baixos ou ilhotas estão dispostos em dois grandes grupos separados por um canal todo em voltas, chamado *il canalazzo*, ou canal grande, e que tem communicação de um para o outro por meio da famosa ponte de Rialto: pelo que a cidade se pôde considerar dividida em duas grandes porções, só ligadas por esta ponte. Cada uma destas divisões se subdivide em tantas quantas são as ilhotas, de que é composta, que entre si communicam pelas pontes mais pequenas lançadas sobre os canaes menores, que as separam. Como as ilhas são numerosas, estas pontes occorrem com frequencia; e como os seus arcos são necessariamente muito altos, porque se erguem de margens muito baixas, são todas de aspera subida, ainda que tem degrãos espaçosos bastante para commodidade do transito, donde veio dizer Mr. Rose: que passear por terra em Veneza é andar sempre subindo e descendo escadas.

Os canaes são as ruas de Veneza, os passadiços por onde ordinariamente os habitantes se transportam de um bairro ao outro. O *canalazzo* é o meio mais geral de communicação, e para assim dizermos, a rua principal da cidade, correndo-a de um cabo a outro, e partindo-a em duas grandes metades: os outros canaes são ruas mais pequenas, ramificações que sahem do maior, e giram até pelo mais remoto canto de qualquer bairro. Não se pense por isto que Veneza não tem ruas como as outras cidades; tambem as tem, ainda que estreitas, calçadas, e commodas, e livres de estrondo, por onde sem auxilio de barco se possa ir de um ponto a outro, graças á multidão de pontes. As descrições de Veneza tractam dos canaes, e omittem as ruas; porém, ainda que nunca em tão estreitas passagens se ouça a bulha das ferraduras das bestas, ou o chiar dos carros, sempre dão alguma serventia para o trafico ordinario. Afóra estas ruas ha umas praças pequenas, que intitolam *campi*, campos, se bem que será difficil achar nelles uma fevera d'herva. Ao comprido das margens dos canaes ha em muitas partes uma especie de caes, ou passeio, chamado *rita*, de ordinario guarnecido com um parapeito, onde

tem sua portinhola: porém o mais geral é serem os canaes immediatamente contiguos ás casas por ambos os lados. Mr. Conder na sua *Italy* diz que o principal canal tem quasi trezentos pés de largo; que os outros são bastantemente largos; mas que a rua mais espaçosa da cidade não excede de 10 a 12 pés, e o geral de 6 a 8. Não é falta que se sinta, porque o transito e communicação dos habitantes é de ordinario por agoa. As *gondolas* lhes servem para tudo; se alguém precisa uma coisa insignificante, por exemplo, fruta, adubos, &c., chama um bote. São estes o vehiculo universal da cidade: a idéa de gondola é inseparavel do nome de Veneza, onde é quasi impossivel andar 40 braças sem subir os degrãos de uma ponte, pelo que as seges, e os cavallos se não usam por inuteis. A gondola é uma especie de bote ou canoa, com 33 pés de comprido, e 4 de largo: a proa é fabricada de ferro polido, erguida, e lançada para ávante, como um pescoço de cisne, e a pôpa tem um beque de madeira menos elevado que a proa, como pôde ver-se na estampa da *Piazzeta*. No meio tem uma camara coberta, guarnecida como uma carruagem, com suas vidraças e cortinas, e assentos de almofada para quatro pessoas: atraz vai o gondoleiro. O exterior de uma gondola, á excepção da proa de ferro, e de alguns ornatos de bronze, é de côr preta, que lhe dá certo aspecto funebre; mas a libré de côres dos remeiros, e a elegante companhia que vai dentro, desvanece logo a primeira impressão. Nos tempos da republica se promulgou, entre outras providencias sumptuarias, uma lei para cohibir os caprichos dos nobres, prescrevendo o tamanho, fórma, e côr, que ainda hoje as gondolas conservam. «Actualmente (diz um escriptor moderno), se a lei fosse revogada, os Venezianos estão sobejamente pobres, para que lhe viesse á idéa alterar a moda estabelecida. Antigamente o nobre Veneziano tinha sempre seis ou sete gondolas proprias, que estavam amarradas defronte das portas de seu palacio, equipadas com seus criados de libré: ao presente poucas pessoas ha que tenham mais de duas ou tres; e a maior parte das que o viajante vê pela cidade são de aluguer. As que pertencem aos particulares tem grandissima elegancia, e todo o accio. Até ao meado do seculo passado *i gondolieri*, os barqueiros, eram uma classe de homens mais interessante do que são hoje; e usavam cantar algumas passagens do Poema de Tasso; mui agradável costume, que está completamente esquecido.

Veneza tem muitos e pomposos edificios; e não sendo possivel tractar aqui de todos, daremos noticia por agora do palacio ducal, que é o da nossa estampa. Este palacio occupa tres lados de uma praça quadrangular, onde o templo de S. Marcos fórma o quarto lado. Apresenta tres frentes: uma que dá para o *Piazzeta*, outra sobre o caes immediato ao porto, e na mesma linha das duas columnas de granito; e a terceira é lavada por um canal estreito, que divide o palacio das prisões publicas, e é cruzado em uma grande altura pela famosa *ponte dos suspiros*. — A gravura mostra a vista das duas primeiras frentes tomada do porto.

O palacio ducal foi primitivamente construido em o seculo 9.º; porém sendo por varias occasiões destruido parcialmente pelos incendios, foi por vezes em diversas partes reedificado. O edificio, tal qual está, não remonta além do seculo 14.º, epocha de sua reedificação pelo doge — Marino Faliero, bem conhecido pela conspiração em que entrou, e pelo fim prematuro, que teve. Á architectura é de genero barba-ro, mais sarraceno do que gothico; mas por isso jocundo para um Europeu pela sua elegancia e singularidade. Mr. Simond o compara a um vastissimo ar-

mario de gavetas, de obra de mosaico á antiga, sustentado em pequenos pés. Não obstante todos os defeitos de estilo e gosto desta enorme fabrica, o effeito que produz é grave e magnifico.

Tem oito portas; e a principal, do lado da Piazzeta, entre o mesmo palacio e a igreja de S. Marcos, dá entrada para o *cortile*, especie de pateo vasto e escuro, a que correspondem os lados do palacio; daqui, por uma escadaria magestosa, chamada *escada dos gigantes*, por causa das estatuas colossaes de Marte e Neptuno, sobe-se para uma arcada descoberta, onde no tempo da republica estavam pregadas as duas carrancas de leão, que de dia e noite recebiam pelas bocas os avisos anonymos. Esta communica com diversos quartos antigamente pertencentes ao doge, e com varias casas de conselho, onde os nobres se costumam reunir: a maior parte tem pinturas, que são bellas amostras da eschola veneziana. A sala do conselho supremo, que Evelino descreve como uma das mais espaçosas, e magnificas da Europa, está hoje sendo a livraria publica: o tecto é excellente, e foi pintado a fresco por Bassano e outros, e os assumptos, pela maior parte são allegorias dos actos da republica: por baixo estão por sua ordem os retratos dos doges com suas roupas e insignias ducaes, mas nesta serie falta um, e em seu lugar está um vão preto com esta breve inscripção: *Locus Marini Falieri decapitati pro crim'nibus*: lugar de Marino Faliero, que foi degolado por seus crimes. Outras casas encerra, todas esplendidas, e dignas da opulencia, e poderio da republica; porém nenhuma excita tão vivo interesse como a sala do Conselho dos Dez, cujo tecto é adornado de soberbas pinturas, producções do pincel de Paulo Veronese; esta sala era a destinada áquelle tribunal da Inquisição d'Estado, que os nossos leitores já conhecem.

#### GALLICISMOS.

A LEITURA frequente dos livros francezes tem corrompido a nossa linguagem por tal maneira, que já hoje é impossivel desinça-la dos gallicismos, nomeadamente os de phrase, em que abunda; se isso em alguns casos é damnoso ou util para a grammatica ideologica, isto é, se algumas construcções daquella lingua, extremamente regular, serão boas de aggeitar ao nosso idioma, não o podemos aqui dizer; mas o que não padece duvida é que essa lição de auctores francezes poz em esquecimento os portuguezes; que os habitos e costumes excellentes dos nossos antepassados se tem alterado e modificado em grande maneira por tal motivo, visto que a frequencia de estrangeiros torna estranhos os usos de qualquer povo, e o tracto dos livros produz muitos effeitos semelhantes aos do tracto dos homens. Accresce, que sendo a nossa lingua abundantissima, e escaça a franceza a muitos respeito, pela falta de conversar os escriptores nacionaes encurtamos e empobrecemos as fórmulas e os elementos do discurso. Sabemos que muita gente escarnece dos que amam a pureza da lingua; mas a razão é obvia: mais facil é escarnecer dos bons estudos do que segui-los. A leitura dos livros classicos está ao alcance de poucos por uma parte, e por outra estes versam muitas vezes sobre materias aridas, e pouco importantes, para este seculo. Quem ha ahi, que, por exemplo, possa colher ás mãos a curiosissima historia da Ethiopia oriental de Fr. João dos Santos, a viagem de Fr. Gaspar de S. Bernardino, e outros tantos livros raros, ricos de instrucção deleitosa? — E aquelles que, por edições repetidas, sem grande custo se podem comprar e ler, sobre que versam em geral? — Contam milagres de sanctos, por vezes incriveis, descrevem usanças monasticas, pregam sermões sem unção,

e quando muito pintam pelejas dos nossos maiores, em que ordinariamente já de antemão lhes sabemos das victorias. E, para não accumularmos exemplos, quem póde ir atraz do bonissimo Lucena, parando por quantas enseadas, por quantas aldéas tem a India, as Molucas, e o Japão, para escrutar as minimas acções de S. Francisco Xavier e dos seus jesuitas; para ver maravilhas onde muitas vezes a razão humana basta para explicar naturalmente o caso. Um erudito, que por novecentas paginas de folio vai buscando em Lucena uma ou outra passagem eloquente naquella tulha de dormideiras, leva isto com paciencia, esfrega os olhos, e segue ávante por esse mar de somno, para chegar ao porto do desejado = *Finis-Laudeo* =, e poder gabar-se da inaudita façanha de haver lido a *Vida de S. Francisco Xavier*: mas o vulgo dos leitores, vingam-se em si proprio de alheios erros, e largando por mão o volume tedioso, volta-se para os mui agradaveis livros francezes; e se por acaso (nesta epocha em que, graças a Deus, todos escrevemos e estampamos) um desses ledores se converte em escriptor, certa é a tormenta e o granizo dos *remarcaveis* e *deboches*, das *conductas* e dos *afazeres*, e outros que taes hediondissimos gallicismos, com que até já embicam os estudantinhos que apenas teem lido a cartilha, e o panegyrico de D. João de Castro, por Jacintho Freire.

Desta leitura das obras francezas ainda outro grave damno se segue; e vem a ser que, até tractando de materias curiosas, os livros portuguezes enfastiam. Quem está habituado a certas idéas, e a certa ordem e disposição dellas, não gosta do que vai fóra daquelle trilho que costumou seguir. — O que muito tem manuzeados os livros francezes, não só não gosta de ler os portuguezes, mas nem os inglezes, nem os allemães, nem os italianos, nem os de outra qualquer lingua; porque cada nação, pensando a seu geito, tem por consequencia as suas idéas particulares, e o seu modo de as exprimir, e o espirito habituado ao que é especial desta ou daquella, não se affaz levemente ao que o é de qualquer outra. Vejamos agora se haverá algum meio de obviar a todas as difficuldades que temos apontado, e que, como dissemos, são as causas da alteração, ás vezes depravada, da nossa formosissima linguagem.

E tractando primeiro do modo de tornar mais accessiveis as fontes da lingua classica, parece-nos, que se devia começar por fazer uma chrestomathia dos nossos auctores, tanto de prosa como de verso; em segundo lugar, reimprimi-los por preço tão modico, que a qualquer pessoa de medianos teres fosse possivel compra-los; em terceiro lugar, em fim, traduzirem os homens eruditos as boas obras estrangeiras, que mais lidas são em Portugal nos seus originaes, e que em versões bem castigadas dariam util e agradável leitura aos nossos compatriotas. Usando destes tres meios, cremos que a lingua pouco a pouco surgiria do lodaçal, em que está mergulhada.

Quanto á chrestomathia, ou pedaços selectos dos escriptores portuguezes, ha muito propoz a Academia um premio a quem a apresentasse; mas até hoje, ninguem appareceu a receber o premio. Demanda este genero de trabalho duas coisas, que raramente se encontram reunidas no mesmo sujeito — gosto e vasta lição —: mas se tal obra se escrevesse, de certo, o governo, se fosse illustrado, pagaria bem tão util livro, mandando que nas escholas primarias de nenhum outro se usasse para ensinar a ler as creanças. E assim seria por elle substituido o panegyrico de D. João de Castro, de que vulgarmente os mestres se servem, sem attenderem a que é este o mais improprio livro para semelhante idade.

Esta collecção, que deveria ser a flôr da nossa litteratura, sendo ampla e feita com judiciosa escolha, fôra não só o livro das escholâs, mas também dos adultos: uns por entreter-se o leriam, outros por sem grande trabalho ostentar erudição, mas todos aproveitariam delle copia de vocabulos, pureza de dicção, e mais que tudo, o habito de ler sem fastio os livros escriptos em vulgar. A mocidade tendo bebido as primeiras idéas nas fontes puras dos classicos, os buscaria, os amaria depois; e só faltára então o facilitar-lh'os.

Entre os propositos da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, um dos mais vantajosos é o de reimprimir e publicar os nossos bons livros por modico preço. Este intento esperamos ve-lo posto por obra em breve, e recebido como o da publicação do Panorama, que logo ao 5.º Numero se tirava a 5.000 exemplares, caso unico em a historia das publicações periodicas em Portugal.

Quanto á traducção dos bons livros estrangeiros, em que acima tocámos, forçosamente deploramos que isso não se haja feito. Dizem que o povo não lê senão novellas: mas que ha de elle ler, se não lhe dão outra coisa? Porque despresarão os nossos homens conspicuos nas letras o serem traductores? — Não nos parece isto fundado em boa razão. Uma versão bem feita é também um titulo de gloria: o celebre Guizot traduziu a Historia da Decadencia do Imperio Romano, pelo inglez Gibbon, e não é este o escripto que menos reputação lhe alcançou. — Entendemos que as primeiras obras que devem verter-se são as dos historiadores, porque é esta a leitura mais facil, e o degráu que sem custo subirão os leitores de novellas. Creado o gosto de ler, brevemente se tornará em necessidade, e é então que os livros mais fastidiosos de outras sciencias, e das artes, se poderão com proveito publicar. É preciso que nos lembremos que em Portugal não carecemos só de dar livros ao povo, carecemos também de pouco a pouco o habituarmos a ler.

E aqui nos cabe responder aos que nos tem increpado pela disposição do Panorama, pretendendo que as suas columnas sejam dedicadas a materias de utilidade popular. Já, cremos, os embaraçariamos bastante, se lhes pedissemos um catalogo por alto dos objectos que elles julgam merecer o nome de *uteis*, ou por outra, se lhes pedissemos a definição exacta dos termos de que se servem. Mas abster-nos-hemos disso, e só lhes diremos que a razão do methodo que seguimos está no que ponderámos no paragrapho antecedente. Se os que nos reprehendem querem dizer que tractemos exclusivamente de artes e officios, e das applicações práticas das sciencias, responder-lhes-hemos que faltariamos á nossa obrigação e á confiança que em nós poz a Sociedade, se lhe escrevessemos resmas de papel, que só servissem de ir dormir repousadamente nas lojas dos livreiros. A verdade é, que a porção do povo, para quem querem que escrevamos, ainda communmente nem sabe ler. D'aqui a vinte annos o modo de redacção que nos propõem será talvez já vantajoso; por ora nada significa.

Porém ainda aqui não pára o que ha a dizer no caso. O Penny Magazine (em cujo molde vasámos o Panorama) é o periodico mais popular de Inglaterra, de um paiz onde o habito da leitura desce ás classes mais inferiores, e sem ter mudado o systema de redacção (inteiramente semelhante ao nosso) extrahes semanalmente de cada numero acima de trezentos mil exemplares.

Acabamos por esta digressão, por nos ter caído naturalmente aqui, e porque nos julgamos com obrigação de dar razão de nós ao publico, para quem escrevemos.

## QUADROS DA HISTORIA PORTUGUEZA.

1.

## MORTE DO CONDE ANDEIRO E DO BISPO DE LISBOA

(1383.)

D. FERNANDO tinha morrido e a Rainha D. Leonor governava o reino, cujo futuro destino estava duvidoso; porque a princeza D. Beatriz, unica filha do rei defunto se achava em Castella casada com D. João 1.º, e posto que, em virtude de contractos jurados em côrtes, ella havia de herdar o sceptro, o regimento do reino pertencia á rainha D. Leonor pelos mesmos tractados: além do que, o povo sempre contrario ao jugo hespanhol mal soffreria o governo estranho. Por outra parte os infantes D. Diniz e D. João, filhos de D. Pedro e de D. Ignez de Castro, que então andavam em Hespanha, também podiam demandar a corôa, e não faltavam motivos ao mestre de Aviz, para ter pretensões sobre ella, visto ser irmão de el-rei D. Fernando, e ter por si o voto commum da nação, que o estimava grandemente por suas excellentes qualidades.

D. Leonor era tão dissoluta e perversa mulher, quanto seu marido tinha sido fraco e desassisado rei. Quando ella tomou as redeas do governo, Portugal estava assolado por guerras intentadas sem justiça nem razão, e quasi todas seguidas de infelizes resultados. Nellas se tinham gasto sommas enormes, que haviam sidoa juntadas nos reinados antecedentes, e que D. Fernando dispendeu com mão larga. O descontentamento publico chegára ao maior auge, e foi nestas difficultosas circumstancias, que uma princeza desenfreada se collocou á frente dos negocios do estado.

Levada de um amor impuro já D. Leonor, durante a vida de seu marido, tinha escandalisado a nação com o procedimento que seguiu, e pela affeição que sem rebuço mostrava ao conde de Ourem, João Fernandes Andeiro. Era este natural de Galliza, e viera a Portugal por ser partidario de el-rei D. Fernando, nas guerras que este monarcha teve com D. Henrique de Castella. Quando a paz se fez entre os dois reis, foi elle mandado sahir para Inglaterra, onde teve muita entrada com Ricardo 2.º e com o Duque de Lancaster. Tentando, dahi a annos, el-rei D. Fernando novas guerras com Castella, escreveu a João Fernandes Andeiro, para que tractasse de uma liga com o Duque de Lancaster, a fim de este o vir ajudar na empreza. Andeiro levou brevemente a cabo o negocio de que fôra encarregado, e veio elle mesmo a Portugal dar conta do feliz exito das suas tentativas. Não havendo, porém, ainda rompimento com os Castelhanos, e tendo elle sido expulso de Portugal em consequencia de um tractado, partiu disfarçado para Lisboa, e daqui para Estremoz, onde D. Fernando então residia. Alli o teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fataes foram para um e outro.

A guerra se declarou dentro em pouco, e Andeiro feito conde de Ourem cresceu em valimento e riquezas. A influencia da rainha no espirito fraco do monarcha portuguez contribuiu principalmente para a elevação do conde; mas elrei, passados tempos, começou a desconfiar do amor criminoso de sua mulher, que ella mal podia encobrir. Então se resolveu a mandá-lo assassinar, encarregando disso o Mestre de Aviz, seu meio irmão, depois D. João 1.º; mas, por conselho do escrivão da puridade, sobre-esteve nesta resolução, e o conde pôde a seu salvo ver extinguir-se aquelle a quem pagára repetidos beneficios com a mais negra traição.

Apenas D. Fernando expirou, João Fernandes An-

deiro se retirou para o castello de Ourem que tinha bem fortificado, receoso do odio do povo e da nobreza, que geralmente o aborrecia. Declarada regente a rainha D. Leonor, o mandou vir logo para Lisboa com o pretexto de assistir ás honras funebres de seu marido, nas quaes, segundo o costume daquelle tempo, eram obrigados a apresentar-se todos os senhores e fidalgos do reino. Apesar das rogativas de sua mulher, o conde saiu de Ourem, e veio a Lisboa, onde se achava já reunida a nobreza. Celebraram-se as exequias de D. Fernando, e a imprudente D. Leonor chamou para junto de si o seu antigo amante, dando-lhe parte na administração publica.

Entretanto D. Beatriz, rainha de Castella, havia sido aclamada successora da corôa, em diversas povoações do reino; mas em quasi todas o povo se amotinára por esta occasião. Além da emulação, que existia de largos annos entre as duas nações, os odios nascidos dos males, que reciprocamente haviam feito uma á outra, tornavam temeroso para os portuguezes o dominio hespanhol. Certo o rei castelhano da má vontade dos povos, e de que por outro lado a rainha D. Leonor de máu grado lhe largaria o governo do reino, resolveu-se a entrar com um exercito pela Beira, onde achou menos acolhimento do que lhe promettêra o bispo da Guarda, que em sua côrte andava, e que lhe aconselhára marchasse por esta provincia. Sabidos pala rainha os intentos d'elrei de Castella, decidiu sustentar-se na regencia, e para isto nomeou capitães, que defendessem as fronteiras no caso de committimento, e o Mestre de Aviz foi nomeado fronteiro-mór do Alemtejo.

Nuno Alvares Pereira era então um simples cavalleiro, mas poderoso e nobre; como quasi todo os fidalgos odiava o conde de Ourem; e sendo o infante D. João eleito general do Alemtejo, propoz-lhe que antes de partir o matasse, no que elle o ajudaria: conveio o Mestre de Aviz; porém, quando tudo estava prompto para semelhante feito, escusou-se elle, e Nuno Alvares, vendo falhar seu intento, se retirou para Santarem, d'onde só voltou depois do infante estar proclamado regedor e defensor do reino.

Havia neste tempo em Lisboa um velho, chamado Alvaro Paes, que fôra chanceller-mór de D. Pedro 1.º e de D. Fernando, respeitado geralmente não só pelos cargos que servira, mas por suas virtudes e muita prudencia. Este era um dos que mais se doíam do procedimento de D. Leonor, e que mais desejavam a morte do conde de Ourem. O conde de Barcellos, irmão da rainha, que tambem residia então em Lisboa, estava grandemente affrontado dos desvarios de sua irmã, e já, em vida d'elrei, havia tentado a morte de Andeiro. Sabia isto Alvaro Paes, e desejoso de pôr termo ás infamias de D. Leonor, fallou ao conde de Barcellos e procurou incita-lo de novo a assassinar o de Ourem: porém não ousando o conde tentar só por si tão perigosa empreza resolveu fazer entrar na conjuração o Mestre de Aviz.

As razões do velho chanceller tal impressão fizeram no animo do infante, na primeira reunião que os tres conjurados tiveram, que este prometteu matar o conde de Ourem no paço. Ajustaram então que apenas o assassinio fosse perpetrado, um pagem do Mestre saíria de palacio, clamando que queriam matar seu amo, e que Alvaro Paes saíria tambem pelas ruas para excitar o povo a acudir-lhe. O dia destinado para este feito foi marcado a 5 de Dezembro daquelle anno de 1383.

Os paços, onde então habitava a rainha, eram onde hoje está o Limoeiro. Chamaram-lhes em outro tempo os paços dos infantes e da moeda: ahi morou depois elrei D. Duarte, no principio de seu reinado,

e ahi assistia o infante D. Pedro, quando regeu o reino, na minoridade de seu sobrinho D. Affonso 5.º Hoje apenas restam fragmentos da architectura primitiva deste monumento precioso d'uma das mais celebres epochas da nossa historia.

No dia aprasado o Mestre, em vez de se dirigir ao paço, montou a cavallo apenas acabou de jantar, e partiu da cidade, caminho do Alemtejo. Parece que elle receára as consequencias da sua tentativa, ou por temer o povo o abandonasse á vingança de D. Leonor, ou porque havendo fallado a alguns cavalleiros para o acompanharem na empreza, a maior parte delles recusou segui-lo com temor do poder da regente. Mas indo já tres legoas affastado da cidade, e reflectindo melhor, viu que tinha entrado muito ávante na conjuração, para poder a seu salvo retroceder: assim resolveu-se a voltar a Lisboa, e para se não tornar suspeito mandou adiante Fernando Alvares de Almeida, seu veador, com um recado á rainha, em que lhe dizia, que voltava a pedir-lhe mais alguns despachos, de que precisava para bem preencher a missão de que estava encarregado. Deu o veador o recado, e no dia seguinte o Mestre se achava de volta, apresentando-se no paço logo pela manhã com vinte escudeiros armados. Entrou o infante na camara de D. Leonor, onde estavam varios fidalgos, e João Fernandes Andeiro de joelhos junto ao estrado da rainha, fallando com ella. O Mestre de Aviz começou então seu discurso, dizendo voltára para que se lhe dêsse mais gente de armas, porque a que tinha era pouca para guardar tão extensa fronteira, como a que estava a seu cargo. A regente pareceu não desconfiar desta observação, que era intempestiva, visto ter podido o infante faze-la quando foi nomeado fronteiro mór do Alemtejo: mandou por tanto que se apresentassem a D. João os livros dos vassallos (\*), para que elle escolhesse quantos e quaes quizesse; e então os que estavam presentes começaram a conversar ácerca de diversas materias.

Mas o conde de Ourem logo teve más suspeitas da volta do Mestre de Aviz acompanhado de escudeiros armados, e secretamente deu ordem aos seus que fossem armar-se tambem e que tornassem para o paço immediatamente. Ás horas de meio dia o conde de Barcellos, que estava presente, convidou o infante a jantar, e ainda com mais efficacia João Fernandes Andeiro lhe fez o mesmo offerecimento; porém D. João se escusou; e os fidalgos começaram a sahir da sala, talvez sabedores das intenções do mestre. Este ficou só com o conde, e querendo elle sahir apoz dos outros, o não deixou; e dando-lhe o braço, o veio trazendo para a ante-camara, com o pretexto de lhe communicar algumas coisas de segredo. Aqui estavam os criados do infante, o qual, chegando-se com o conde para uma janella, lhe disse algumas palavras em voz tão baixa, que nenhum dos circumstantes pôde perceber-las. Então, indo o conde responder, levou o Mestre da espada, e lhe deu uma grande cutilada na cabeça. João Fernandes Andeiro, sentindo-se ferido, quiz refugiar-se no quarto da rainha; mas Ruy Pereira, fidalgo que viera com o infante, o atravessou com um estoque, golpe de que logo caiu morto, e assim esteve envolto em sangue até a noite, em que a rainha o mandou secretamente enterrar na igreja de S. Martinho.

Entretanto Gomes Freire, pagem de D. João, correu a casa de Alvaro Paes, gritando pelo caminho: «Acudi ao Mestre, que o matam no paço!» — Alvaro Paes, chegado o pagem, saiu tambem clamando ao povo que salvasse o infante. Então começou o tumulto

(\*) Sobre os vassallos vide o Numero 5.º do Panorama.

pópular: — as ruas se atulharam de gente — o clamor das maldições — os gritos de morte — o rebato dos sinos — o estrepito das armas retumbava em sons medonhos. A torrente do povo corria para a praça do palacio: uns pretendiam arrombar as portas, outros lançar-lhes fogo, outros, em fim, pediam escadas para abalar os muros. Tudo era confusão e alaridos. A plebe vociferava as mais affrontosas injurias contra D. Leonor: e se chegassem a entrar no paço, ella sem duvida seria feita pedaços pelo tropel furioso. Neste momento de ancia e terror o Mestre de Aviz, por quem o povo clamava em altas vozes, appareceu a uma varanda, e declarando que o morto era, não elle, mas o conde de Ourem, a tempestade acalmou, e os gritos de furor se converteram em vivas ao infante. Então elle desceu á praça, e por entre a multidão, que o cobria de benções, se encaminhou ao Rocio, onde habitava o duque de Barcellos.

Quando assassinaram o conde Andeiro, a rainha, ouvindo os gemidos do moribundo e o estrondo das armas, mandou indagar a causa daquelle ruido. Costumada á dissimulação, sabendo a morte do seu amante, escondeu a afflicção que sentia; mas vendo que todos começavam a fugir, cheia de terror mandou perguntar ao Mestre de Aviz, se tambem ella havia de morrer. Segura da vida, e das intenções do infante, recobrou seu character altivo, ordenando a este sahisse immediatamente do paço. O que dahi a pouco elle fez, como vimos.

Neste tempo era bispo de Lisboa D. Martinho, Castelhana natural de Zamora. Ao passar o tumulto pela sé, dirigindo-se ao paço, os sinos da cathedral tocaram a rebato, como os das outras igrejas. Estes ao voltar o infante repicaram successivamente; porém a cathedral foi muda. O povo, que sabia ser o bispo parcial da rainha, encheu-se de furor com isto, e muito mais vendo-o no alto da torre, para onde se tinha refugiado com dous hospedes seus, mandando fechar todas as portas, assim que principiou o motim popular. Por uma fresta entraram logo na igreja, e abrindo as portas, subiu acima o procurador da cidade com mais tres homens, e perguntou ao bispo a razão porque não fazia repicar os sinos. Deu este assuas desculpas; e os que haviam subido voltavam já sem lhe fazerem mal algum, quando o povo, cego de furor, começou a ameaça-los de os matar por terem perdoado ao bispo e aos que com elle estavam. Então os quatro, para salvarem as proprias vidas, retrocedendo, lançaram mão do desgraçado prelado e dos seus dois companheiros, e os arrojaram da torre abaixo. A plebe, sempre feroz, despindo primeiramente o cadaver do bispo, o atrastou pela cidade, indo adiante lançando um rustico o seguinte pregão: Justiça que manda fazer o papa Urbano a este traidor castelhano seismatico. Este theologo de taberna alludia a ser D. Martinho sectario dos papas que então havia em Avinhão, em quanto a maior parte dos Portuguezes prestavam obediencia aos que residiam em Roma.

Depois disto a rainha fugiu de Lisboa: os animos asserenaram um pouco; e dahi a dias foi o Mestre de Aviz declarado defensor e regente do reino.

#### OS ALCHEMISTAS, E A PEDRA PHILOSOPHAL.

Não tinham sómente o nome de alchimistas os homens estudiosos, que na idade media se applicavam á alchimia; tambem se lhes davam os de *filhos da arte*, *iniciados*, *cosmopolitas*, *adeptos*, *rosa-cruzes*, *assopradores* ou *philosophos hermeticos*. Esta ultima palavra alludia a Hermes, ou Mercurio Trismegisto

(isto é, tres vezes sabio), famoso philosopho egypcio que alguns suppoem ter sido conselheiro d'Isis, mulher d'Osiris, e que vivêra perto de 1.900 annos antes de Jesus Christo.

A philosophia hermetica, segundo os escriptores que tiveram fé nesta sciencia, era tão antiga como o mundo: ella tinha por objecto o buscar a *pedra philosophal*, a *panacêa universal*, e a *grande obra*. Imaginavam os alchimistas que existiam *metaes perfeitos* como o ouro e a prata, e *imperfeitos*, como o mercurio, o chumbo, &c., os quaes era possivel transmutar.

O ouro, diziam elles, é de todos os corpos da natureza o mais compacto, o mais pesado, e aquelle que o fogo, a agoa, e o ar menos alteram. Designavam-no tambem pelo nome de *sol*, e o representavam na figura d'um circulo; o que era simplesmente uma consequencia da sua doutrina, que se propagava entre os *sabios*, sómente por meio d'imagens, e de comparações mysteriosas.

Os Arabes, que muito cultivaram a alchimia, foram os primeiros que attribuiram ao ouro as mais estupendas virtudes medicinaes, e o misturaram nas suas composições chemicas, reduzido a folhas, pois pensavam que este metal fortalecia o coração, reanimava os espiritos vitaes, recreava a alma, e era um remedio egregio contra a melancolia, convulsões, e palpitações de coração. Os alchimistas que se apoderaram destas idéas, ainda as ampliaram mais, attribuindo todas as virtudes possiveis a esse ouro, que elles presumiam saber extrahir dos metaes imperfeitos. O *ouro philosophico*, a *quinta essencia*, a *alma do ouro*, a *tintura solar radical*, a *agoa do sol*, o *pó de projecção*, o *magisterio*, a *essencia dos cedros do Libano*, o *restaurador das pedras preciosas*, o *elixir universal*, todos estes nomes foram indistinctamente dados á *pedra philosophal*.

Só uma crença mui forte, e muito arreigada, sustentada pelo prestigio de tão pomposas denominações, poderia inspirar aos alchimistas a pasmosa perseverança com que, sempre com mira na sonhada *pedra philosophal*, conservavam annos inteiros fornos accessos, onde fundiam os metaes, e com elles quasi sempre os seus cabedaes. Muitos houve de quem a fama publicou haverem achado a *pedra philosophal*. Por exemplo, muito tempo passou por certo que Nicoláu Flamel a descobrira em 17 de Janeiro de 1332, e como tinha creditos de ser riquissimo, quando falleceu, a cubiça induziu a fazer varias excavações em uma casa que possuira na rua de Marivaux, em Paris; porém estes trabalhos foram sempre infructiferos, como devia esperar quem fosse dotado de juizo. Antes de Flamel, Raimundo Lullo, famoso escriptor do 13.º seculo, transformou em ouro, segundo a voz do povo, durante o tempo que esteve em Londres, cincoenta mil libras de azougue para o rei Eduardo 1.º

Por esse tempo, escrevia Affonso 10.º, rei de Castella, em uma das suas obras: «Eu tinha aprendido com F. . . a fazer a *pedra* a que elles chamam *philosophal*; nós a fizemos ambos; depois eu a fiz só, e foi com o seu auxilio que muitas vezes engrossei os meus thesouros.»

Finalmente, no 17.º seculo, Van Helmont filho, o ultimo homem notavel que se occupou em fazer a *grande obra*, afirma ter visto e palpado muitas vezes a *pedra philosophal*, a qual, segundo elle diz, tinha a côr do açafraão em pó, e brilhava como o vidro moído. Deram-lhe a quarta parte de um grão, e esta tenue quantidade bastou para mudar oito onças de mercurio em purissima prata.

Contam-se infinitos tractados de alchimia, quasi todos escriptos em linguagem mysteriosa, que pre-

crevem formulas ou receitas para effectuar a grande obra. A seguinte é uma das mais concisas e claras: lançai em uma redôma de vidro forte, ao fogo de arêa, elixir de Aristeu com balsamo de Mercurio, e um peso igual do mais puro ouro de vida, e a calcinação, que ficar no fundo da redôma, se multiplicará cem mil vezes. Os *assopradores*, que queriam seguir semelhantes receitas, sempre se empobreceram.

A pureza d'alma era instantaneamente recommendada pelos alchimistas como condição essencial para o bom exito dos seus trabalhos; alguns delles todavia bem longe estavam de possuí-la. Flamel exercia a usura em Paris, e chegou a enriquecer muito mais por este meio, do que pela *divina pedra*. Paracelso no 16.º seculo passou quasi toda a vida na embriaguez e na devassidão, e morreu n'uma bodega de Salzbouurg, tendo apenas 48 annos de idade, não obstante ter quasi chegado a prometter a immortalidade aos que fizessem uso dos seus segredos. Depois de haver queimado publicamente os livros dos medicos gregos, elle exclamava com orgulhosa ironia, durante o curso que deu na Allemanha: "Avicena, Galeno, e vós todos philosophos e medicos vulgares, as fitas dos meus çapatos sabem mais do que vós; todas as universidades e todos os escriptores reunidos tem menos sciencia que os pellos da minha barba e do meu pescoço; eu, eu só, sou o verdadeiro monarcha da medicina!"

A extravagancia destas palavras pouca admiração causará a quem se lembrar que naquelle tempo quasi todos os homens de merito criam firmemente nas sciencias occultas, que os mais instruidos frades lhes consagravam na solidão do claustro os seus estudos e vigílias, e que quando nasceu o protestantismo, philosophos, cujos nomes ainda hoje são honrados por muitos titulos, sustentavam theses publicas ácerca da astrologia judiciaria, da cabala, e da magia.

É certo que para esta concorria não existirem então as sciencias exactas, que com grandissima difficuldade começavam a surgir do cahos da fabula; por que não era possivel, sem dispendir muito tempo, colligir as observações que deviam formar as bases de trabalhos serios e incontestavelmente uteis; porém hoje que o adiantamento da chimica tem feito conhecer que o ouro, assim como todas as outras substancias, a que se dá o nome de metaes, deve ser considerado elemento ou corpo simples, visto resistir a todos os meios de decomposição, expor-se-hia com certeza a passar por insensato todo aquelle que tentasse a chimerica empreza de fazer ouro.

Mas nem por isso devemos condemnar severos ao desprezo os alchimistas da idade media que obravam de boa fé, e que tendo em pouco os trabalhos, as despesas, e os perigos, foram por entre as trevas abrir as primeiras portas da sciencia. De importantes descobertas somos devedores ás manipulações laboriosas e aturadas, a que elles submettiam uma immensidade de materias. Quem póde negar o merecimento dos esforços de Paracelso para introduzir na medicina o uso das preparações antimoniaes, mercuriaes, salinas, e ferreas, com que fez curas prodigiosas?

Quanto aos alchimistas de má fé, charlatães avarentos, que tanto se multiplicaram no 16.º seculo, voluntariamente votámos a sua memoria ao desprezo devido a vis pelotiqueiros, que vagavam pelo mundo, vendendo mui caro aos credulos o segredo de fazer ouro, como se quem o possuísse carecesse de vendê-lo para ser rico.

São conhecidas algumas fraudes destes velhacos.

Uns sabiam introduzir habilmente no chumbo ou cobre derretidos, parcellas de ouro contidas em uma varinha ôca, de que usavam para misturar os ingredientes; outros serviam-se de cadinhos, cujo fundo

enchiam de ouro ou de prata amassada, que occultavam com outro fundo falso, feito com o mesmo pó de cadinho e agoa gommada. Expostos estes vasos a um fogo vivissimo, e resolvido o mercurio ou o chumbo, que nelles lançavam, appareciam o ouro ou a prata calcinados.

*Modo de conseguir que as arvores velhas deem fructo.* — Um proprietario inglez tinha no seu pomar algumas maceiras, que de velhas já não davam fructo. Tomou no inverno uma pouca de cal virgem, e tendo-a desfeito em agoa, caiou com um pincel os troncos das taes arvores, uma vez sómente. O resultado foi a destruição das moscas e insectos, o cair a casca ou cortiça velha, e ser substituida por outra nova. As mais dellas cobraram novo vigor, e uma apparencia de mocidade, que indicava não terem mais de vinte annos.

*Modo de preservar o aço da ferrugem.* — Para obstar a que se enferrugem os objectos de aço pulido, os cuteleiros inglezes os esfregam com cal virgem em pó, ou os mergulham em agoa de cal antes de os exportarem.

*Modo de curar o linho com o carvão.* — Mr. Juck fez ferver algumas meadas de fio de linho, segundo o costume, com cinzas peneiradas, para d'elle separar a substancia extractivel. Depois de ter deixado seccar o fio, fez ferver uma meada, ou 140 varas de fio com tres onças de pó de carvão, por espaço de uma hora, em sufficiente quantidade d'agoa. A linha depois de lavada e sêcca tinha adquirido uma alvura muito superior á que póde dar-se-lhe por meio da cinza.

*Receita para affugentar os ratos.* — A. Andran, proprietario no departamento de Tarn-et-Garonne, livrou os seus celleiros do flagello dos ratos, pela maneira seguinte: cortou um grosso mólho d'arruda, fe-la seccar á sombra, e depois pendurou-a no vigamento do celleiro em que costumava guardar trigo, cevada, favas, e outros grãos, que uma multidão de ratos até então tinham roído, sem que fosse possivel extingui-la. Desde este momento não tornou o proprietario a ver nenhum destes animaes daninhos, o que o convencêu de que bastava sómente o cheiro d'arruda para affugenta-los; e como depois se lembrasse de pôr mólhos da dita herba em todas as entradas do celleiro, encontrou muitos ratos mortos, e deste modo se descartou de tão perniciosos inimigos.

*Tinta para marcar roupa.* — Tome-se de limalha de ferro, e de vinagre de madeira duas libras; misture-se a limalha com metade do vinagre, chocalhe-se frequentes vezes a mistura, e á medida que fôr absorvendo o liquido, junte-se o resto do vinagre, e uma libra d'agoa. Aqueça-se a mistura para facilitar a acção do acido sobre o ferro; e quando tudo estiver dissolvido junte-se-lhe tres libras de sulfato de ferro (caparosa verde), e uma libra de gomma arabica, previamente dissolvida em quatro libras d'agoa. As quantidades indicadas dão ordinariamente doze libras de producto. Para empregar esta tinta, estende-se a roupa sobre uma mesa, e fazem-se as marcas por meio de estampilhas de cobre, e de um pincel. Tal é o processo empregado nos hospitaes de Paris.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Crucifixo N.º 13 = 1.º andar.